

MPRA

Munich Personal RePEc Archive

The economic importance of agribusiness in south region

José Luiz Parré and Joaquim José Martins Guilhoto

Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Maringá

2001

Online at <http://mpa.ub.uni-muenchen.de/54647/>

MPRA Paper No. 54647, posted 21. March 2014 11:30 UTC

A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DO AGRONEGÓCIO NA REGIÃO SUL

JOSÉ LUIZ PARRÉ

Professor Assistente do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá, Doutorando em Economia Aplicada (ESALQ/USP). e-mail: jlparre@uem.br.

JOAQUIM JOSÉ MARTINS GUILHOTO

Professor Associado do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP e do Regional Economics Applications Laboratory (REAL) da University of Illinois (EUA). e-mail: guilhoto@usp.br.

RESUMO:

O objetivo principal deste artigo é analisar o nível de desenvolvimento do agronegócio ou complexo agroindustrial na região Sul do Brasil para os anos de 1985, 1990 e 1995, utilizando matrizes de insumo-produto inter-regionais. São apresentados resultados sobre a composição e sobre as principais características dos fluxos inter-regionais do agronegócio na região Sul. Os resultados indicam que a região participa com praticamente um terço (1/3) do valor total do agronegócio brasileiro e que a parcela deste setor no PIB da região Sul situa-se em pouco mais de 50%.

PALAVRAS-CHAVE: Agronegócio, insumo-produto, desenvolvimento regional, região Sul.

ABSTRACT:

The main goal of this paper is to analyze the level of development in the Agribusiness of the Brazilian region South for the years of 1985, 1990 and 1995; using inter-regional input-output analysis. The results obtained show: how the Agribusiness is structured inside the regions; and how the trade flows of the Agribusiness take place among the regions.

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar o “*novo padrão agrícola brasileiro*”, Hoffmann *et al.* (1985) observam que “*Todas essas transformações ... apresentam uma característica comum ..., que é a de terem se processado de forma desigual em dois sentidos: regionalmente, beneficiaram os estados do Centro-Sul, particularmente o estado de São Paulo; dentro de cada estado, atingiram preferencialmente os médios e grandes estabelecimentos agropecuários. É preciso enfatizar, porém, que, já em 1960, essas características regionais e entre estabelecimentos eram acentuadas, devido à própria evolução histórica de cada região...*”.

Associando os aspectos da modernização da agricultura brasileira às características do surgimento e da expansão do complexo agroindustrial ou agronegócio brasileiro, ou seja, o aperfeiçoamento das relações agricultura-indústria, que não se deu de modo uniforme e simultâneo em todo o país, chega-se ao seguinte questionamento, que, de certa maneira, resume a essência desta pesquisa: de que forma o nível de desenvolvimento das regiões determina a constituição e a influência do agronegócio nas regiões e entre estas, e como o agronegócio afeta o desenvolvimento regional e, particularmente, o desenvolvimento da agricultura regional. Neste sentido, são testados os parâmetros sugeridos por Malassis (1969), que relacionam o grau de desenvolvimento das regiões e a estrutura do agronegócio. Esses parâmetros são apresentados no item 3 deste artigo.

Como objetivo geral, este artigo pretende analisar o nível de desenvolvimento do agronegócio ou complexo agroindustrial da região Sul do Brasil para os anos de 1985, 1990 e 1995; utilizando matrizes insumo-produto inter-regionais.

Devido ao fato de a matriz inter-regional disponível das macrorregiões brasileiras (desenvolvida por Crócomo e Guilhoto, 1998) apresentar como base o ano de 1985, foi necessário, através da metodologia insumo-produto, obter a mesma matriz para 1990 e 1995; além disso, foi desenvolvida uma metodologia que possibilitou dimensionar o agronegócio de cada região e obter suas inter-relações com a economia e com o agronegócio das demais regiões do país.

2 CARACTERÍSTICAS DA ECONOMIA E AGRICULTURA DA REGIÃO SUL

A ocupação e o povoamento do Brasil se deram por meio de surto de atividades exportadoras que, sucedendo-se ao longo do tempo, foram fixando populações em diferentes pontos do território nacional. E, conforme o sucesso ou insucesso da exploração econômica - em particular, a capacidade ou incapacidade de levar à diversificação e à industrialização - estabeleceram-se diferenciações nítidas entre esses focos isolados de civilização, bem retratadas nos indicadores econômicos e sociais, consagrando a herança regional do desenvolvimento do país.

Nesse sentido, o ciclo da cana-de-açúcar nos séculos XVI e XVII favoreceu o Nordeste; o de exploração de ouro (séculos XVII e XVIII) levou o dinamismo da economia para a área de Minas Gerais e do Sudeste do país; a expansão da exportação de café do século XIX favoreceu primeiro o interior do Rio de Janeiro e, posteriormente, o estado de São Paulo. No século XX, entretanto, segundo Baer (1995), a substituição histórica de regiões economicamente favorecidas chegou ao fim. O Sudeste do país, que era a área dinâmica de exportação no início do processo de industrialização, tornou-se também a região líder da economia brasileira e o principal beneficiário do crescimento econômico do país.

2.1 Região Sul

Os estados que compõem a região Sul apresentam particularidades bastante visíveis, em função principalmente de sua história econômica e sua formação social. O Paraná tem muitas de suas atuais características originadas da colonização influenciada pela economia cafeeira paulista, o que as torna muitas distintas, por exemplo, da baixa integração interna e do predomínio da pequena propriedade familiar que se observa em Santa Catarina. Já o Rio Grande do Sul, pela forma original de sua ocupação (basicamente para defesa da fronteira e para o fornecimento de animais à zona mineradora) e seu posterior desenvolvimento, tem hoje três tipos diferentes de

agricultura: a pecuária extensiva tradicional, as áreas de lavoura empresarial (arroz, trigo, soja) e a agricultura colonial (policultura, fumo, uva) (Hoffmann et al, 1985).

Analisando de forma conjunta, a região caracterizava-se por possuir tanto uma agricultura como uma indústria tipificadas pela pequena e média propriedade, excetuando a pecuária no Rio Grande do Sul.

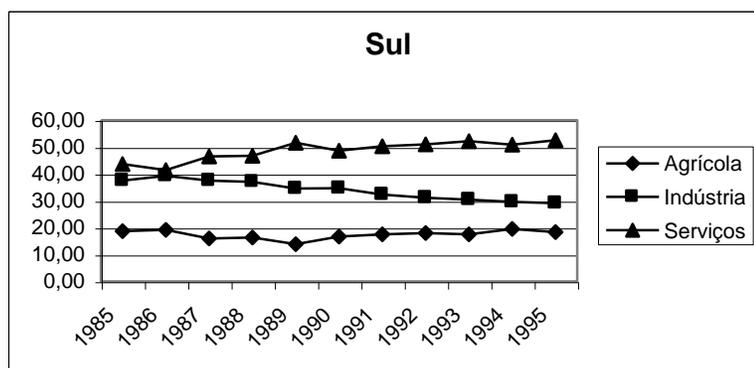
O processo de capitalização da agricultura sulina, assentado na produção de trigo, soja, arroz (irrigado) e pecuária extensiva, no período mais recente, provocou uma concentração fundiária na agricultura da região. Neste processo dois elementos foram importantes: de um lado, a expansão das agroindústrias ligadas ao complexo da soja (óleo, farelo, rações, etc.), no Paraná e Rio Grande do Sul, e as ligadas ao processamento de carnes suínas e de aves, em Santa Catarina; de outro lado, a reorientação do aparato político-institucional no sentido de dar suporte ao novo estilo de desenvolvimento agrícola. No caso específico da região sul, cabe destacar o papel das cooperativas, largamente difundidas nos três estados, no apoio à comercialização agrícola e na prestação de serviços (Hoffmann et al, 1985).

Pode-se esperar que o tipo de agroindústria que se desenvolveu na região Sul levou a uma diminuição na produção de alimentos básicos e também conduziu à mecanização da produção e à introdução de insumos modernos, proporcionando transferência dos estímulos dinâmicos da agricultura para segmentos da indústria. As mudanças implicam a introdução de novos produtos, novos tipos de organização da produção e novos processos tecnológicos.

Sem minimizar a intensidade das mudanças por que passou a agropecuária, o seu declínio relativo chama a atenção. Representando 25% do produto interno de 1970, o setor apresentou uma queda expressiva, participando com 16,7% do PIB em 1990; em 1995 ocorreu uma recuperação chegando a participar com 18,3% (BRASIL, 1993 e figura 1). O mesmo comportamento apresentou em relação ao PIB agrícola nacional, em 1985 a região Sul participava com 29,8% do valor da produção agrícola nacional, diminuindo essa participação para 26,3% em 1990 e recuperando-se para chegar, em 1996, com 27,4% do PIB agrícola do Brasil (figura 2).

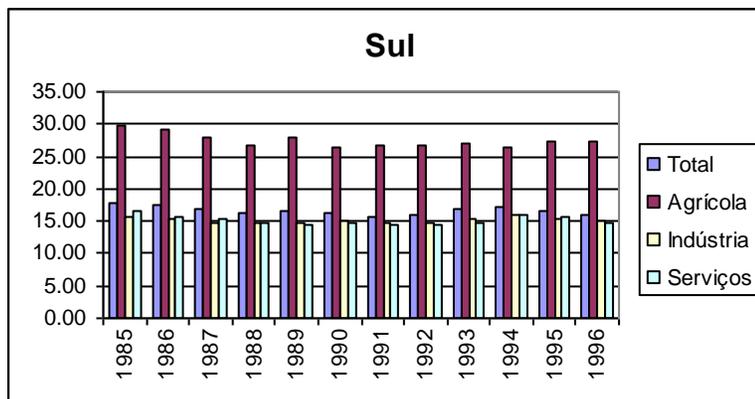
A região Sul, apesar de perder peso relativo, continua dominando o setor de avicultura e de arroz irrigado com aproximadamente 70,0% da produção nacional; a região mantém suas participações na produção de feijão e milho e perde participação em bovinos, suínos, cebola, batata, tomate, soja, trigo e no algodão, segundo Cano (1998).

O setor industrial respondia, em 1970, por 20,0% do PIB regional do Sul (BRASIL, 1993). Esta participação cresceu no início dos anos 80 chegando a representar 37,6% em 1985, porém o setor também sentiu a crise do final da década de 80 e sua participação caiu para 34,6% do produto regional em 1990 e 29,1% em 1995 (figura 1). Sendo que o setor de serviços apresentou comportamento inverso no período, crescendo sua participação de 43,7% em 1985 para 52,5% em 1995 (figura 1).



Fonte: Considera e Medina (1998), organizado pelo autor.

Figura 1: Distribuição do PIB da região Sul por setores econômicos, 1985/95, em %.



Fonte: Considera e Medina (1998), organizado pelo autor.

Figura 2: Participação da região Sul no PIB total e setorial do Brasil, 1985/96, em %.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

O referencial metodológico dessa pesquisa, para atender aos objetivos propostos, está dividido em duas partes: uma utilizou a teoria das matrizes de insumo-produto interregionais, para obtenção das matrizes para os anos de 1990 e 1995¹; e a outra parte da metodologia trata do método de dimensionamento do agronegócio para o Brasil e suas macrorregiões. Será apresentado, a seguir, de forma resumida, o método de dimensionamento do agronegócio a partir de uma matriz inter-regional, a apresentação completa deste método pode ser vista em Parré (2000).

3.1 Dimensionamento do agronegócio para as regiões brasileiras

Diversos autores preocuparam-se em “medir” a importância do complexo agroindustrial ou agronegócio na economia brasileira, entre os trabalhos que se destacaram nesta tarefa pode-se citar Araújo et al. (1990); Lauschner (1995); Furtuoso (1998) e Montoya & Guilhoto (1999).

¹ Para poupar espaço, não será apresentado o modelo inter-regional de insumo-produto, os interessados podem encontrar esta apresentação em Parré (2000), onde consta, também, uma versão completa das matrizes inter-regionais obtidas para 1985, 1990 e 1995.

Basicamente, os autores dessas pesquisas mensuraram o agronegócio partindo de uma visão sistêmica, utilizando-se de matrizes insumo-produto nacionais, para considerar os fluxos e transferências de insumos e de produtos entre os setores. Outro ponto em comum entre as pesquisas foi a utilização dos trabalhos de Davis & Goldberg (1957) e Malassis (1969) como referencial teórico para a metodologia de mensuração do agronegócio.

A metodologia de mensuração do agronegócio utilizada neste artigo toma como referencial metodológico básico os trabalhos de Lauschner (1995); Furtuoso (1998) e Montoya & Guilhoto (1999). Entretanto, pelo fato desses autores analisar o agronegócio brasileiro de forma agregada e a proposta desse artigo é mensurar o agronegócio de uma região brasileira, bem como as relações de dependência que existem entre as regiões, desenvolveu-se uma metodologia de mensuração que considerou esses objetivos.

O quadro 1 apresenta a matriz insumo-produto inter-regional simplificada para a região Sul do Brasil, sendo que as relações intra-regionais da demanda intermediária da região Sul apresentam-se desagregadas em 17 setores produtivos, os quais estão especificados no quadro. Esta forma de apresentação da matriz inter-regional – destacando o setor agroindústria – permite que se dimensione o agronegócio para a região, bem como as inter-relações com as outras regiões.

As colunas do Quadro 1 representam os setores da demanda, divididos em demanda intermediária (A) e demanda final (Y). No caso, a demanda intermediária da região Sul (P) é apresentada desagregada em 17 setores, enquanto a demanda intermediária das outras regiões que compram dos setores da região Sul é apresentada de forma agregada. Por exemplo, $z_{1,7}$ representa quanto o setor da agroindústria compra do setor agropecuário, sendo que ambos os setores são pertencentes à região Sul; e Z_I^{PL} mostra quanto os setores em conjunto da região Norte (L) compram do setor agropecuário da região Sul (P), esses fluxos inter-regionais podem ser considerados exportações para demanda intermediária ou exportações DI.

Vale lembrar que as compras realizadas na demanda intermediária servem como insumos no processo produtivo das regiões, ou seja, representam o consumo intermediário das regiões.

As colunas da demanda final (Y) no quadro 1 referem-se às compras das regiões feitas aos setores da região Sul que serão destinadas ao consumo final. Estas transações podem ser consideradas exportações para demanda final ou exportações DF.

Os setores da demanda final são subdivididos em consumo das famílias (C), consumo do governo (G), investimento (I) e exportações (X); entretanto, no quadro 1, eles estão apresentados de maneira agregada.

Um aspecto importante da construção da matriz inter-regional do Brasil deve ser destacado: as exportações (X) representam as vendas para o exterior (R) ou resto do mundo; e, como a matriz trata da região Sul (P) esses valores estão representados apenas na coluna da demanda final Sul (P), para as outras regiões o valor das exportações é zero. Por exemplo, Y_I^{PL} mostra quanto a região Norte (L) compra do setor agropecuário da região Sul, sendo que essas compras são destinadas a C, G ou I; e Y_I^{PP} representa as compras ao setor agropecuário dentro da região Sul destinadas a C, G, I ou X.

Com relação às compras dos setores da região Sul feitas aos setores das outras regiões a matriz destaca apenas as compras de suprimentos, pois as compras para consumo final estarão representadas na demanda final das matrizes das outras regiões em estudo. Por exemplo, na matriz da região Norte haverá uma coluna de demanda final para a região Sul, indicando as compras feitas por esta região de produtos originários da região Norte, para consumo final

Nesse sentido, por exemplo, $z_{7,1}$ representa quanto o setor agropecuário compra do setor agroindústria, ambos da região Sul; m_1^R indica quanto o setor agropecuário da região Sul compra (importa) do exterior ou resto do mundo; m_1^L mostra quanto o setor agropecuário da região Sul compra (importa) do conjunto de setores da região Norte (L).

Com base nas informações, pode-se desenvolver o método para o cálculo do agronegócio na região Sul do Brasil e, da mesma forma, para as demais regiões. Considerando-se que a estrutura do agronegócio está dividida em três partes:

- a) uma parte que precede a produção rural, que engloba o conjunto de setores fornecedores de insumos e fatores de produção para as propriedades rurais, denominado de agregado I ou montante do agronegócio, ou ainda, indústria para a agricultura;

- b) o setor de produção rural ou, apenas, setor agropecuário, denominado de agregado II;
- c) os setores que recebem a produção agropecuária para agregar valor através do armazenamento, processamento e distribuição para o consumidor final, chamado de agregado III ou jusante do agronegócio.

Uma maneira de comparar o grau de desenvolvimento das regiões através da estrutura do agronegócio foi proposta por Malassis (1969). A avaliação proposta pelo autor considera a participação do agregado II (produção rural) no valor total e, conseqüentemente, a participação do agregado II e III (montante e jusante). Malassis classifica uma economia alimentar de pré-industrial ou agrícola nos casos em que o agregado I (montante) do agronegócio representa 5% do valor do mesmo, o agregado III (jusante) representa 20% e o agregado II (produção rural) participa com 75%. Uma economia atinge, segundo o autor, o nível de economia alimentar industrializada quando, por exemplo, o montante representa 17%, a produção rural participa com 32% e, a jusante participa com 51% do valor total do agronegócio. Nesse sentido, quando o agregado II ou produção rural começa a participar com menos de um terço do valor total do agronegócio, a economia se eleva de um nível pré-industrial para uma economia industrializada.

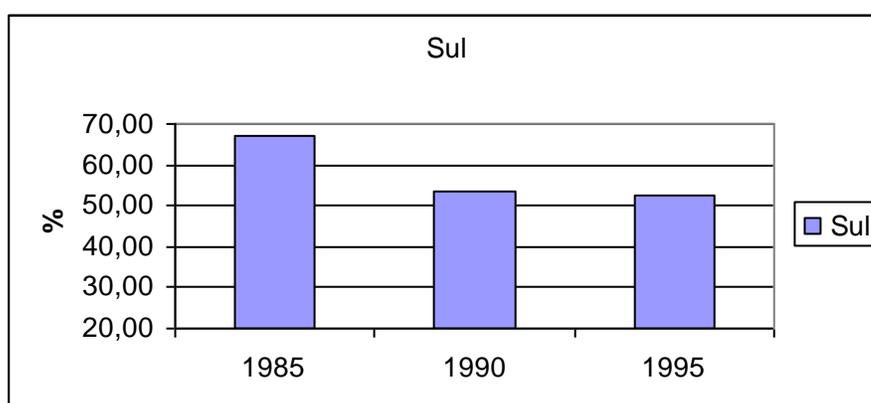
4 A COMPOSIÇÃO DO AGRONEGÓCIO DA REGIÃO SUL

A principal característica do agronegócio da região Sul é sua elevada importância dentro da economia da região, como pode ser observado na figura 3. Em 1985 o agronegócio correspondia a 67,2% do PIB da região Sul; em 1990 essa parcela diminuiu para 53,7%; e em 1995 houve outra pequena queda chegando a 52,5%.

A revisão feita sobre a economia da região, apresentada no item 2, mostra a importância dos segmentos ligados ao agronegócio para a produção de bens e serviços da região. Com destaque para as agroindústrias ligadas ao complexo da soja (óleo, farelo, rações, etc.) no Paraná e Rio Grande do Sul, e as ligadas ao processamento de carnes suínas e de aves, em Santa Catarina. Além do importante papel das cooperativas, que se

espalham pelos três estados, apoiando a comercialização agrícola e prestando serviços aos produtores.

Deve-se destacar, também, que as atividades industriais da região, no período analisado, são associadas a produção agrícola como o pólo de couro e calçados; a indústria de bens de capital (máquinas, equipamentos e implementos agrícolas); a indústria de bens de consumo não-duráveis (ligadas à produção de carnes e grãos); e o segmento associado à indústria da madeira.



Fonte: Resultados da pesquisa.

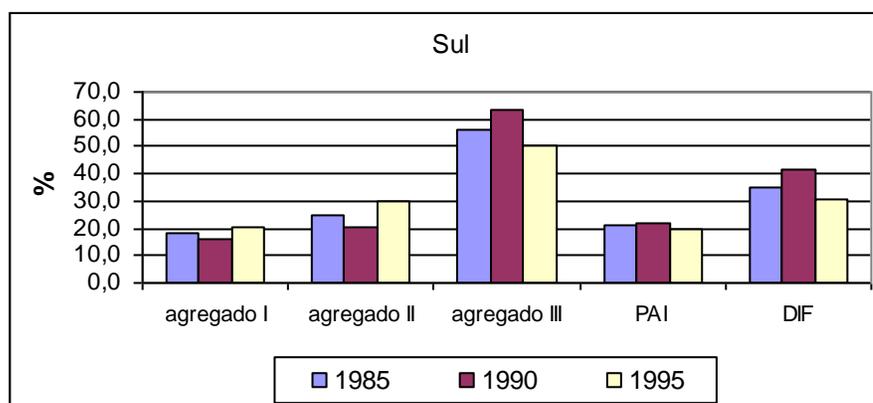
Figura 3: Participação do agronegócio na composição do PIB da região Sul, em %.

Com relação à grande queda na parcela do agronegócio no PIB da região ocorrida entre 1985 e 1990, deve-se lembrar que a mesma ocorreu para todas as outras regiões do país; a queda na participação no Centro-Oeste, por exemplo, foi, de 48,6% para 36,6% para o mesmo período (Parré, 2000). Analisando-se a figura 1 vê-se que entre 1985 e 1990 ocorreu uma queda na participação da agropecuária e um grande aumento na participação dos serviços na formação do PIB da região.

A constituição do agronegócio da região Sul pode ser observada na figura 4. Para o ano de 1995 a configuração indica uma parcela de 20,1% para o agregado I, 29,6% para o agregado II e 50,2% para o agregado III. Uma configuração diferente da observada em 1990 que indicava, respectivamente, 16,0%, 20,6% e 63,4%. O fato é que em 1995 a agropecuária (agregad II) aumentou o valor de sua produção, através,

possivelmente, de uma elevação na produção e na produtividade; consumindo, assim, mais insumos; o que levou a um aumento da participação do agregado I.

Segundo a classificação de Malassis (1969), a composição do agronegócio da região Sul a classifica como uma economia alimentar industrializada, com o segmento de produção agropecuária participando com menos de 1/3 do valor total da produção do agronegócio regional.



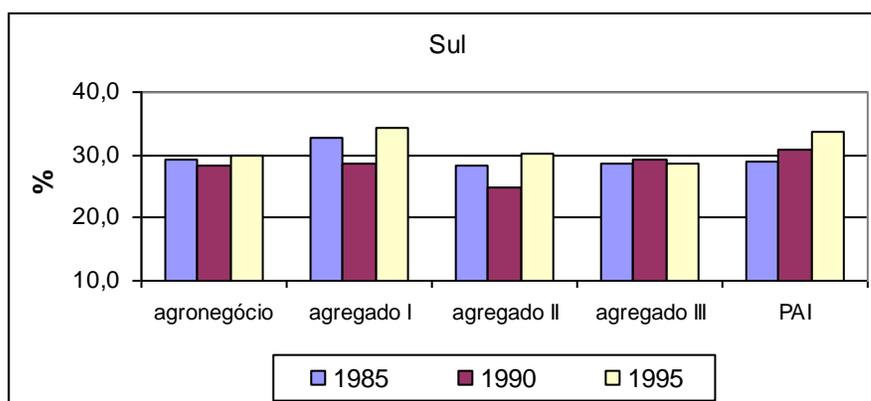
Fonte: Resultados da pesquisa.

Figura 4: Constituição do agronegócio da região Sul, segundo os seus agregados, em %.
(Obs.: PAI – Produção Agroindustrial, DIF – Distribuição Final)

A parcela do agronegócio brasileiro que é apropriada pela região Sul aumentou no período de análise, como pode ser observado na figura 5. O ganho no total do agronegócio foi relativamente baixo, 29,2% em 1985 para 30,0% em 1995. Entretanto, alguns dos segmentos alcançaram posição de destaque, como o agregado I que possui uma parcela de 34,2% do total do país; e a produção agroindustrial da região Sul, que passa a concentrar 33,7% do total nacional para esse segmento no ano de 1995.

A região Sul, portanto, passa a ser uma das beneficiárias do processo de desconcentração do agronegócio brasileiro², graças ao crescimento relativo de sua produção agropecuária, a qual passou a consumir mais insumos; e graças à capacidade de sua agroindústria em agregar valor aos produtos agropecuários da região.

² A demonstração do processo de desconcentração espacial que ocorreu no agronegócio brasileiro entre 1985 e 1995 está apresentada em Paré (2000).



Fonte: Resultados da pesquisa.

Figura 5: Parcela da região Sul no valor total do agronegócio do Brasil, e de seus agregados, em %. (Obs.: PAI – Produção Agroindustrial)

5 AS TRANSAÇÕES INTERREGIONAIS DO AGRONEGÓCIO

Após analisar o agronegócio da região, resta saber as relações inter-regionais que são efetuadas; ou seja, as relações de compra e venda que ocorrem entre as regiões relativas ao agronegócio. A obtenção dessas informações permitirá saber quais os maiores “parceiros econômicos” por vias internas com relação ao agronegócio da região.

5.1. Exportações e importações do agronegócio brasileiro para o exterior.

A tabela 1 demonstra que todas as regiões do país aumentaram seu comércio com outros países, ou seja, ocorreu um aumento do valor das exportações regionalizadas desde a década de 70. Como explica Guimarães Neto (1995), esse desempenho foi devido aos grandes estímulos fiscais e financeiros oferecidos pelo Governo na década de 70 e, nos anos 80, a crise, a instabilidade da economia e a retração do mercado interno e a necessidade de gerar divisas para o pagamento da dívida externa, induziram grande parcela da atividade econômica do país a voltar-se para o exterior. As importações apresentaram grande crescimento entre 1970 e 1980; com uma queda entre 1980 e 1985; voltando a crescer a partir da segunda metade da década de 80.

Dentro dessa perspectiva, a região Norte, através principalmente da venda de minérios e produtos metalúrgicos provenientes do complexo Carajás, aumentou suas exportações de US\$ 87 milhões em 1970, para US\$ 2,4 bilhões em 1995; um crescimento maior que a média nacional. A região Nordeste apresentou um acréscimo menos intenso, porém significativo, principalmente nos Estados da Bahia e do Maranhão; essa região aumentou suas vendas para o exterior de US\$ 407 milhões em 1970 para US\$ 3,0 bilhões em 1990 e US\$ 4,2 bilhões em 1995. A região Centro-Oeste é a que menos participa do comércio exterior do Brasil, porém, também apresentou aumento de suas exportações, principalmente na segunda metade da década de 80.

Tabela 1: Exportações e importações segundo as regiões do Brasil. Em milhões de Dólares correntes, 1970 a 1995.

		1970		1980		1985		1990		1995	
		valor	%	valor	%	valor	%	valor	%	valor	%
Norte	Exp.	87	3,1	596	3,4	539	2,3	1794	5,8	2433	5,3
	Imp.	114	3,8	908	3,6	594	4,1	1393	6,7		
NE	Exp.	407	14,6	2297	13,3	2526	11,0	3030	9,7	4240	9,3
	Imp.	178	5,9	1590	6,4	834	5,8	1492	7,2		
CO	Exp.	10	0,4	53	0,3	116	0,5	563	1,8	987	2,2
	Imp.	4	0,1	150	0,6	34	0,2	171	0,8		
SE	Exp.	1587	57,0	10169	58,7	14284	62,2	18929	60,9	26635	58,3
	Imp.	2449	80,6	18438	73,9	11473	80,1	15396	74,6		
SU	Exp.	692	24,9	4200	24,3	5496	23,9	6767	21,8	11401	25,0
	Imp.	292	9,6	3874	15,5	1396	9,7	2196	10,6		
Brasil	Exp.	2783	100,0	17315	100,0	22961	100,0	31083	100,0	46506	
	Imp.	3037	100,0	24960	100,0	14331	100,0	20648	100,0	49858	
	Dif.	-254		-7645		8630		10435		-3352	

Fonte: CACEX/IBGE, citado por Guimarães Neto (1995); e Anuário Estatístico do Brasil 1997, para os dados de 1995. Obs.: Do total exportado de 1995, US\$ 811 milhões são não-declarados

A região Sudeste é a mais integrada ao comércio internacional, com uma parcela de 57,0% e 58,3% das exportações do país, para os anos de 1970 e 1995,

respectivamente. A parcela dessa região nas importações do país chegou a 80,0% em 1970 e 1985. A região Sul manteve-se com 25,0% das exportações do país.

Vale lembrar, ainda a afirmação de Guimarães Neto (1995) sobre a composição da pauta de exportações do Brasil: “A crescente inserção da economia brasileira na economia internacional vem ocorrendo através da ampliação das exportações de produtos manufaturados em detrimento dos produtos básicos, que em décadas passadas caracterizaram o perfil exportador do país”.

A tabela 2 apresenta as participações das regiões nas exportações por grandes classes de produtos. Percebe-se que a região Norte e a Sudeste aumentaram suas participações nas exportações de produtos básicos entre 1975 e 1990, mesmo com esses produtos perdendo espaço nas exportações internas dessas regiões, seguindo a tendência ocorrida no país. Outra região que teve sua parcela aumentada foi o Centro-Oeste.

A região Norte aumentou sua parcela nos produtos básicos e semi-manufaturados. A região Nordeste, foi a que apresentou maior diminuição em suas participações nas classes de produtos básicos e semi-manufaturados, seguindo a tendência de queda de sua parcela nas exportações brasileiras indicada na tabela 1. Com relação aos produtos manufaturados, as participações apresentaram poucas alterações no período, com um pequeno aumento da parcela da região Sul.

Tabela 2: Distribuição espacial das exportações por classes de produtos. Em percentagem. (base em US\$ 1,00).

	básicos				Semimanufaturados				Manufaturados			
	1975	1980	1985	1990	1975	1980	1985	1990	1975	1980	1985	1990
Norte	3,6	4,5	5,2	11,1	1,8	5,2	3,2	12,5	1,3	2,3	0,9	1,1
NE	25,0	20,6	13,4	8,6	28,1	21,1	18,7	17,9	7,7	6,3	8,4	8,0
CO	0,6	0,4	1,1	4,3	0,1	0,8	0,9	1,0	0,5	0,1	0,2	0,2
SE	37,3	37,8	42,0	43,1	41,3	49,9	59,0	55,7	72,9	75,1	71,7	71,8
Sul	33,4	36,7	38,3	33,0	28,7	22,9	18,2	12,9	17,6	16,1	18,7	18,9
Brasil	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: CACEX, citado por Araújo (1995). Adaptado pelo autor.

A tabela 3 apresenta a distribuição das exportações e das importações do agronegócio da região Sul do país. Os segmentos de produção agropecuária (agregado II) e de produção agroindustrial do agronegócio, e as respectivas exportações e importações

regionais estão representadas nessa tabela. A soma de todas as participações representa o total para o Brasil. Por exemplo, a região Sul participa com 33,67% das importações e 26,38% das exportações do setor de produção agropecuária do Brasil para o ano de 1985; sendo que a sua participação no valor total da produção do setor é de 28,22%. Portanto, essa tabela permite que se observe a importância da região nas relações de comércio exterior do agronegócio brasileiro, e as alterações que ocorreram entre 1985 e 1995.

Os resultados da tabela 3 indicam um crescimento da parcela da região Sul, entre 1985 e 1995, com relação às importações e às exportações, no valor total para o agronegócio do Brasil, indicando uma maior abertura comercial do agronegócio da região Sul com o exterior

Tabela 3: Participação da região Sul nas exportações e importações para o exterior, (Brasil=100)

	Região Norte (%)			BRASIL (valores)		
	1985	1990	1995	1985	1990	1995
A – Agregado II	28,22	24,86	30,16	127971	2300430	52245662
Importações do exterior	33,67	30,92	35,34	590	27820	1002873
exportações para o exterior	26,38	24,81	28,40	5856	57199	958129
B - Produção Agroindustrial (PAI)	28,83	30,71	33,71	105420	1957553	31337081
Importações do exterior	30,59	31,59	33,05	5726	162241	4487335
exportações para o exterior	34,33	31,10	33,89	13768	170829	3542968
Total de exportações (A + B)	31,96	29,52	32,72	19625	228028	4501098

Fonte: Resultados da pesquisa. Obs.: O total para o Brasil é indicado em valores correntes.

5.2. As transações interregionais da região Sul

A participação da região Sul no total de exportações da economia brasileira apresentou um decréscimo de 3,0% entre 1970 e 1990, porém houve uma recuperação entre o período de 1990 e 1995, voltando essa região a participar com 25,0% das exportações do Brasil (tabela 1). Em 1990, a região Sul participava com 33,0% do total das exportações brasileiras de produtos básicos; 12,9% das exportações de produtos semimanufaturados ; e 18,9% das exportações de produtos manufaturados (tabela 2). Sendo que o principal aumento deu-se nessa última classe de produtos, mostrando o elevado dinamismo das exportações industriais da região.

Bandeira (1995) evidencia a “*elevada diversificação das exportações do Sul no que diz respeito às empresas. Enquanto na grande maioria dos estados as cinco principais firmas exportadoras são responsáveis por uma parcela muito elevada das vendas para o exterior, nos estados sulinos sua participação é bastante reduzida. Na verdade, em 1991, apenas São Paulo apresentava uma diversificação por empresas maior do que o Paraná e o Rio Grande do Sul*”.

A importância do agronegócio para a região Sul já foi bastante destacado nessa pesquisa, porém, os resultados obtidos neste item demonstram novamente essa importância. A participação do total de exportações do agronegócio regional em relação ao PIB da região Sul é a maior entre todas as regiões do país, apesar da queda ocorrida entre o período de 1985 a 1995 (tabela 4).

A região Sul apresenta pouca dependência com relação à utilização de insumos importados; a participação desses insumos no total utilizado pelo setor agropecuário da região foi de 19,8% nos anos de 1985 e 1995 (tabela 4). A parcela de insumos importados do exterior no total utilizado aumentou no mesmo período; 3,7% em 1985 para 16,8% em 1995. Internamente, a maior parte dos insumos são importados da região Sudeste do país, 62,9% em 1995.

O setor de produção agropecuária da região Sul exportou, nos anos de 1985, 1990 e 1995, respectivamente, 34,0%, 34,9% e 30,8% do total de sua produção, como indicam os resultados apresentados na tabela 4. Portanto, houve uma queda da participação das exportações. A maior parte dessas vendas se dá por vias internas e para a demanda intermediária das regiões, 67,1% em 1985 e 67,9% em 1995. O maior mercado consumidor é a região Sudeste que adquiriu, em 1995, 85,6% do total das exportações do setor agropecuário da região Sul, sendo 67,1% para demanda intermediária e 23,9% para demanda final. As exportações para o exterior são relativamente baixas, ficando em 5,6% do total exportado em 1995.

O setor de produção agroindustrial da região Sul é o que relativamente mais exporta a sua produção, comparando com as agroindústrias das demais regiões do país. As exportações da agroindústria da região Sul, representaram, nos anos de 1985, 1990 e

1995, respectivamente, 54,8%, 47,1% e 46,5% do total produzido por este segmento do agronegócio da região (tabela 4). Essas exportações foram constituídas, em 1995, da seguinte forma: 24,4% foi para o exterior, 22,6% foi para a demanda intermediária das demais regiões do país, e 53,0% foi para a demanda final, principalmente para a região Sudeste. Ou seja, a maior parte das exportações da agroindústria da região Sul do Brasil constitui-se de produtos processados, prontos para o consumo final.

A relação entre o total de exportações e o total produzido pelo agronegócio da região Sul foi de 20,0% para 1985, 17,4% para 1990 e 18,4% em 1995. A participação dessas exportações no PIB da região apresentou, para esses mesmos anos, os seguintes valores, 13,5%, 9,4% e 9,7%. Ou seja, praticamente 10,0% do PIB da região Sul é constituído por exportações originadas do setor de agronegócios da região.

6 CONCLUSÕES

A participação da região Sul na composição do agronegócio brasileiro aumentou no período analisado, demonstrando a importância dessa região na produção agropecuária e agroindustrial do país. Praticamente 1/3 do valor total do agronegócio do Brasil é gerado nessa região. Essa importância reflete-se na parcela do PIB regional que cabe ao agronegócio, pouco mais de 50%. Esta é a principal característica do agronegócio da região Sul, ou seja, sua importância para a economia regional, a maior do país. As exportações do setor representaram mais de 18% do valor total da produção em 1995, sendo que em relação ao PIB da região, essas exportações contribuíram com quase 10% do total de bens e serviços.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, N.B.; et al. **Complexo agroindustrial: o “agribusiness” brasileiro**. São Paulo: Agroceres, 1990. 238p.
- ARAÚJO, T.B. de Nordeste, Nordestes: que Nordeste? In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) **Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)**. São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.125-156.

- BAER, W. **A economia brasileira**. São Paulo: Nobel, 1986. 416p.
- BANDEIRA, P.S. A economia da região Sul. In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) **Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)**. São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.225-251.
- BRASIL, Congresso Nacional, Comissão Especial Mista. **Desequilíbrio econômico inter-regional brasileiro**. Relatório Final. Brasília, 1993. v.1, 110p.
- CANO, W. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil-1930/1995**. 2 ed. rev. ampl. Campinas:UNICAMP.IE, 1998. 421 p. (coleção 30 anos de economia – Unicamp, 2).
- CONSIDERA, C.M.; MEDINA, M.H. PIB por unidade da federação: valores correntes e constantes. **Texto para discussão n.610**. Rio de Janeiro:IPEA, 1998. 32p. (acompanha disquete de dados).
- CROCOMO, F.C.; GUILHOTO, J.J.M. As relações inter-regionais e intersetoriais das macrorregiões da economia brasileira em 1985. In: MONTROYA, M.A. (org) **Relações intersetoriais do Mercosul e da economia brasileira: uma abordagem de equilíbrio geral do tipo insumo-produto**. Passo fundo: Ediupf, 1998. Cap. 7.
- DAVIS, J.H.; GOLDBERG, R.A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard Graduate School of Business Administration, 1957. 152p.
- FURTUOSO, M.C.O. O produto interno bruto do complexo agroindustrial brasileiro. Piracicaba, 1998, 277p. Tese (doutorado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo.
- GUIMARÃES NETO, L. Desigualdades regionais e federalismo. In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) **Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)**. São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.13-59.
- HOFFMANN, R. et al **Inovações tecnológicas e transformações recentes na agricultura brasileira**. Relatório de Pesquisa, Piracicaba: FEALQ, 1985, 4v., 780p.
- LAUSCHNER, R. **Agribusiness, cooperativa e produtor rural**. São Leopoldo: UNISINOS, 1995. 296p. 2ª ed.
- MALASSIS, L. La structure et l'évolution du complexe agri-industriel d'après la comptabilité nationale française. **Économies et Sociétés**. Paris, v.3, n.9, p1667-1687, set. 1969.

MONTOYA, M.A.; GUILHOTO, J.J.M. Mudança estrutural no agronegócio brasileiro e suas implicações na agricultura familiar. In: TEDESCO, J.C. (org) **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: Ediupf, 1999. (no prelo).

PARRÉ, J.L. O agronegócio nas macrorregiões brasileiras: 1985 a 1995. Piracicaba, 2000. 191 p. Tese (doutorado) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo.

Tabela 4: As transações comerciais do agronegócio da região Sul.

Região Sul	1985		1990		1995	
Agregados do agronegócios	Valores	%	Valores	%	Valores	%
I - Montante	26822,8		442900,7		10692226,6	
Total de importações	5308,0	100,0	94582,6	100,0	2114268,7	100,0
Importados exterior	198,8	3,7	8602,4	9,1	354410,9	16,8
Importações do N	497,1	9,4	4767,3	5,0	204402,0	9,7
Importações do NE	482,3	9,1	9501,9	10,0	179817,5	8,5
Importações do CO	147,5	2,8	3726,8	3,9	45382,4	2,1
Importações do SE	3982,3	75,0	67984,1	71,9	1330256,0	62,9
Importações / montante		19,8		21,4		19,8
II - Produção Agropecuária (PA)	36113,4		571822,2		15754846,3	
Total de exportações - PA	12295,9	100,0	199401,5	100,0	4848837,7	100,0
exportações para o Exterior	1544,8	12,6	14192,1	7,1	272155,8	5,6
Total de exportações DI	8255,5	67,1	122990,0	61,7	3293549,5	67,9
exportações DI para N	12,0	0,1	170,2	0,1	6310,6	0,1
exportações DI para NE	539,3	4,4	5524,2	2,8	162144,4	3,3
exportações DI para CO	267,1	2,2	3557,1	1,8	134416,9	2,8
exportações DI para SE	7437,0	60,5	113738,5	57,0	2990677,6	61,7
Total de exportações DF	2495,5	20,3	62219,4	31,2	1283132,4	26,5
exportações DF para N	32,3	0,3	992,6	0,5	18828,6	0,4
exportações DF para NE	178,6	1,5	4932,9	2,5	96228,9	2,0
exportações DF para CO	12,9	0,1	353,0	0,2	8009,0	0,2
exportações DF para SE	2271,7	18,5	55940,9	28,1	1160066,0	23,9
Exportações / PA		34,0		34,9		30,8
III - Jusante	81396,1		1757415,8		26702872,7	
Produção Agroindustrial (PAI)	30393,3		601142,5		10564467,7	
Total de exportações - PAI	16642,0	100,0	283316,4	100,0	4916650,3	100,0
exportações para o Exterior	4727,0	28,4	53124,2	18,8	1200770,0	24,4
Total de exportações DI	3199,8	19,2	64864,0	22,9	1112299,7	22,6
exportações DI para N	54,4	0,3	1253,3	0,4	23485,7	0,5
exportações DI para NE	380,8	2,3	6557,1	2,3	111779,0	2,3
exportações DI para CO	98,5	0,6	2149,8	0,8	43710,7	0,9
exportações DI para SE	2665,9	16,0	54903,8	19,4	933324,3	19,0
Total de exportações DF	8715,2	52,4	165328,3	58,4	2603580,6	53,0
exportações DF para N	379,7	2,3	9144,4	3,2	120116,0	2,4
exportações DF para NE	1430,2	8,6	29573,7	10,4	450429,0	9,2
exportações DF para CO	236,5	1,4	5195,6	1,8	76771,6	1,6
exportações DF para SE	6668,8	40,1	121414,6	42,9	1956263,9	39,8
Exportações / PAI		54,8		47,1		46,5
Total de exportações (PA + PAI)	28937,9		482718,0		9765488,0	
AGRONEGÓCIO	144332,2		2772138,6		53149945,6	
Exportações Totais / Agronegócio		20,0		17,4		18,4
PIB regional	214875,3		5161624,9		101174580,6	
Exportações Totais / PIB regional		13,5		9,4		9,7
Agronegócio / PIB regional		67,2		53,7		52,5

Fonte: Resultados da pesquisa. Obs.: Os valores são indicados em moeda corrente.

Quadro 1: Matriz insumo-produto simplificada para dimensionar o agronegócio da região Sul (P) do Brasil.

Setores			SUL – (P) (Compras)				Demanda Intermediária (A)					Demanda Final (Y)					Total Produtos		
			Agropec	...	agroind.	...												Transp/com.	Serviços
			1	...	7	...	16	17	N (L)	NE (M)	CO (N)	SE (O)	Sul (P)	N (L)	NE (M)	CO (N)		SE (O)	Sul (P)
SUL – (P) (Vendas)	1	Agropecuária	$Z_{1,1}$...	$Z_{1,7}$...	$Z_{1,16}$	$Z_{1,17}$	Z_1^{PL}	Z_1^{PM}	Z_1^{PN}	Z_1^{PO}	Z_1^{PP}	Y_1^{PL}	Y_1^{PM}	Y_1^{PN}	Y_1^{PO}	Y_1^{PP}	X_1

	7	Agroindústria	$Z_{7,1}$...	$Z_{7,7}$...	$Z_{7,16}$	$Z_{7,17}$	Z_7^{PL}	Z_7^{PM}	Z_7^{PN}	Z_7^{PO}	Z_7^{PP}	Y_7^{PL}	Y_7^{PM}	Y_7^{PN}	Y_7^{PO}	Y_7^{PP}	X_7

16	Transp/comer.	$Z_{16,1}$...	$Z_{16,7}$...	$Z_{16,16}$	$Z_{16,17}$	Z_{16}^{PL}	Z_{16}^{PM}	Z_{16}^{PN}	Z_{16}^{PO}	Z_{16}^{PP}	Y_{16}^{PL}	Y_{16}^{PM}	Y_{16}^{PN}	Y_{16}^{PO}	Y_{16}^{PP}	X_{16}	
17	Serviços	$Z_{17,1}$...	$Z_{17,7}$...	$Z_{17,16}$	$Z_{17,17}$	Z_{17}^{PL}	Z_{17}^{PM}	Z_{17}^{PN}	Z_{17}^{PO}	Z_{17}^{PP}	Y_{17}^{PL}	Y_{17}^{PM}	Y_{17}^{PN}	Y_{17}^{PO}	Y_{17}^{PP}	X_{17}	
Importações Exterior (R)			m_1^R	...	m_7^R	...	m_{16}^R	m_{17}^R	SETORES: 1-agropecuária 2-mineração 3-minerais não-metálicos 4-metalurgia e mecânica 5-material elétrico 6-material de transporte 7-agroindústrias 8-celulose, papel e gráfica 9-borracha 10-química 11-farmacêutica e perfumaria 12-plásticos 13-indústrias diversas 14-energia, saneamento e comunicações 15-construção civil; 16-transporte e comércio; 17-serviços										
Impostos indiret. líq. (II)			Π_1	...	Π_7	...	Π_{16}	Π_{17}											
Importações - Norte (L)			m_1^L	...	m_7^L	...	m_{16}^L	m_{17}^L											
Importações - NE (M)			m_1^M	...	m_7^M	...	m_{16}^M	m_{17}^M											
Importações - CO (N)			m_1^N	...	m_7^N	...	m_{16}^N	m_{17}^N											
Importações - SE (O)			m_1^O	...	m_7^O	...	m_{16}^O	m_{17}^O											
Impostos sobre atividade			T_1	...	T_7	...	T_{16}	T_{17}											
Valor Adicionado			VA_1	...	VA_7	...	VA_{16}	VA_{17}											
Total Insumos			X_1	...	X_7	...	X_{16}	X_{17}											

Fonte: Elaboração do autor.